



## Sete de Setembro.

### I.

Povo! Este é o dia de tuas glorias! Vem entoar os hymnos entusiasticos da liberdade nos festins populares da independencia!

Hoje ao menos, no solemne anniversario de tuas glorias, vem sentar-te no docel onde estão entalhados os teus triumphos em relevos immortaes!

E' por ti que a patria de par em par descerra as portas de seu templo. E' por ti que fumeja o incenso nos thuribulos sagrados; e que resoao pelas abobadas as preces de jubilo dos sacerdotes, d'envolto com os suavissimos harpejos das cytharas religiosas! E' por ti que o céu enfeita de nuvens d'ouro sua tunica azulada; que as montanhas sacodindo seu manto de sombras se corção de flores e as oudas se embalaõ á cadencia de tens hymnos de victoria!

E' Deus que te saúda: as luzes do sanctuario são os raios de seus olhos; as pompas do céu são os reflexos de seus sorrisos; as harmonias da terra são os echos de seus canticos!

Elle vem applaudir a emancipação do povo que fez gigante e que o despotismo não poudé tornar um cadaver.

A Providencia deu ao povo a intelligencia para gladio de sua defeza e o despotismo fez d'elle o cutello de seus verdugos; deu-lhe a liberdade para seu estandarte e elle talhou o sudario de sua servidão; deu-lhe a soberania para throno de sua grandeza e elle construiu o cada-falso de seu supplicio; deu-lhe o futuro para seu imperio e o despotismo n'elle edificou as paredes estreitas de seu sepulchro!

Não se lembrou que a liberdade é a alma do povo e que a alma não morre! não se lembrou, que não ha tumulo bastante fundo e bastante vasto, para conter esse gigante que calça as perolas do oceano, que descança os braços herculeus no cume dos pólos e eleva a fronte até o céu, onde é sagrado por Deus, soberano da terra!

De nada d'isso lembrão-se os despo-

tas, e seus sequazes — essa raça de cortezãos, miseraveis parasitas que vivem agarrados ás raizes de todos os thronos como o marisco ao rochedo.

Elles tripudiavão, ao clarão embaciado e funebre das lampadas mortuarias, em torno da eça do povo que julgavão cadaver e que apenas dormia.

Não foi porém duradouro, nem podia ser, o triumpho. Deus tudo dirige. Em suas mãos está o chronometro dos destinos humanos, cuja pendula marca os passos da humanidade no caminho da perfeição. A hora do libertamento havia soado. O povo em seu descanso refizera-se de forças: de subito estalarão as lousas de seu sepulchro — e seus algozes, como os phariséos que guardavão o cadaver do Crucificado, tombarão resupinos sobre o pó, transidos de estupor!

E pelas quebradas dos serros reboarão as vozes de regosijos e de victoria; rasgarão se as nuvens que encobrião o sol, e seus raios, trasendo as benções de Deus, doirarão o fronte triumphadora e soberana do povo resuscitado.

Exulta povo! A Independencia foi obra tua e tua só: nascida de teus esforços, de tua consciencia, de tuas crengas, de teu enthusiasmo, de tua dignidade, de tua bravura, e de tua força. Não consintas que nos brazões deste dia inscrevão um nome differente do teu; não consintas que os trophéos desta gloriosa conquista vão adornar outras tumbas, que não sejam as de nossos paes; nem que seos louros vão immortalisar outras fronte, que não sejão as suas.

O nome de D. Pedro está ligado ás glorias da Independencia e os cortejadores da realza querem fazel-o o heroe dessa brilhante epopéa da nossa historia.

E' uma revoltante usurpação que se faz ao povo de suas glorias.

D. Pedro não foi a Independencia — foi apenas a occasião. Ha uma differença enorme, saliente, immensa e profunda, e que deve ser reconhecida, entre a mão que o dirige e o instrumento que se move;

entre o motor que a impele e a roda que se agita; entre a intelligencia que manda e a vontade que lhe obedece; entre a tempestade que brame e o echo que lhe responde; o povo foi o pensamento da Independencia — D. Pedro foi apenas a palavra que o reproduzio.

E senão, perguntai-o á historia, essa arithmetica do passado, cujos acontecimentos nos fornecem os algarismos para calcular o futuro.

## II.

Remontemos o curso das aguas limpidas e puras da liberdade para chegarmos ás cabeceiras de seu leito — a França.

E' certo que nos Estados-Unidos deu-se o primeiro passo da liberdade politica; porém lá representou-se apenas o prologo dessa tragedia grandiosa em atrocidades e heroismos, que teve por theatro a França de 89 e por, desenlace necessario, o baque estridente de um diadema sobre as tabuas do cadafalso e a reivindicacão dos direitos do povo, pelo povo, e para o povo.

A França estrebuxava na agonia do desespero e da humilhação. Uma realza decrepita, uma aristocracia ignorante e um clero depravado — compunhão o ferreo triumvirato do despotismo. Insanos! pensavão que as lagrimas do soffrimento extinguirião as labaredas do volcão que fermentava á seus pés, quando ellas atéavão mais e mais as chammas da vingança.

Uma noite, bem fatal para elles, despertou-os o estampido do volcão revolucionario que rebentára. E á bocca da cratera, entre as flammas da liberdade que aclararão os horisontes e as lavas do povo que alastrarão o pavimento, assomou o vulto de Mirabeau, gigantesco, magestoso e imponente como a appareição do Sinai.

Não era Mirabeau o aristocrata dissoluto da vespera: era Mirabeau regenerado, o tribuno e o apóstolo — era Mirabeau o futuro! Como as aguas santas do baptismo lavão-nos da frente a macula do peccado, assim Deus purificou-o nas chammas divinas do genio e da liberdade: foi um baptismo de fogo!

Na phrase de Victor Hugo, o demonio de uma familia tornou-se o Deus de uma nação.

Por aquella cabeça prophetica pensava a França; nas paredes sonoras daquelle peito respirava um povo inteiro; nas fibras daquelle voz immortal, que ainda trôa nos ouvidos dos despotas, vibrava o enthusiasmo; as deducções consisas, rigorosas, energicas e esmagadoras de sua dialectica, aluirão os castellos da feudalidade e começaram a edificacão do futuro sobre os cimentos da democracia.

Mirabeau foi a Revolução — porque Mirabeau era o povo.

A philosophia tinha ensinado aos homens que elles erão livres; o Christianismo tinha revelado que elles erão irmãos; a Revolução veio pois fazer da abstracção uma realidade, do que era um principio de direito e um dogma de religião, uma verdade de pratica.

A Revolução não tinha pois um cunho individual, o seu character era humanitario. Ella não havia somente emancipado o cidadão, havia regenerado tambem o homem. Portanto era necessario que ella fosse proclamada ás nações: eis o que explica o genio e as conquistas de Napoleão. Elle era o emissario da Providencia.

A aguia colossal, que ha de um dia, depois de estrangular em suas garras os ultimos pigmões do despotismo, percorrer os quatro pontos cardeas do globo, livre, altiva e vencedora, acabava de nascer da boca de Mirabeau, como Minerva da cabeça de Jupiter. Ella pedia espaço: as espadas dos bravos do Consulado e do Imperio forão as pennas de suas azas. Desprendeu seu vôo — e Napoleão foi o seu guia.

Pairando, como o anjo da victoria na frente dessas intrepidas legiões, de que cada soldado era um heróe, a aguia da liberdade inspirava esse outro Colombo das ba-

talhas, que ia conquistar novos mundos á causa da Revolução.

Debaixo das ferraduras de seus ginetes, os thrões estalavão; na lamina polida de sua espada reverberava o sol da gloria, e os povos que vião brilhar em seus olhos a chamma celeste, saudavão, como uma aurora de esperanca, os estandartes da França que tremulavão victoriosos nos bastiões desertos e sombrios do despotismo.

Poderão dizer: como alargava Napoleão as raia da liberdade e tyrannisava sua patria?

E' necessario distinguir em Napoleão, o que havia de humano, do que era providencial. Sua vida é um quadro brilhante com seu reverso de sombras, é um manto de velludo com seus laivos de sangue. De um lado está a face escura e carrancuda do despota; do outro lado o olhar lampejante do genio e a frente predestinada acercando-se da auréola sagrada.

Os homens acreditão em seu louco orgulho, que é a sua mão que move os acontecimentos e dirige as massas, sem se lembrarem que das nuvens é que desce a tempestade sobre o Oceano e que elles são os instrumentos de Deus. Seria insanía querer perscrutar os meios que emprega a Providencia para a realisacão de seus sublimes desiguos; á nós, miseros terricolas, é dado apenas admirar e bendizer em seus resultados a benefica influencia de seu poder nos destinos da civilisacão. E' simplesmente o que fazemos.

Quando a fronte de Napoleão, curvada ao peso de tantas coroas de triumphos, desinhava nas solidões do exilio, a França voltava a seus antigos limites, ao passo que os monarchas de todos os Estados europeos, onde havia penetrado o glorioso estandarte tricolor da Revolução, outorgavão-lhes constituições liberaes, reintegravão o povo em seus direitos, davão franquias ao commercio, officinas á industria e tribunas ao pensamento. A realza aterrada capitulava com o povo.

De sorte que Napoleão, acreditando dilatar as fronteiras de seu Imperio, tragava novos horisontes á liberdade; julgando trabalhar para sua propria gloria, semeava as novas idéas na consciencia dos povos; querendo consolidar no terreno da posteridade, as raizes de sua dynastia, fincava os esteios sobre que ha de repousar o monumento da futura democracia.

Mysterios impenetraveis de Deus!

## III.

Portugal não podia deixar de estremecer ao violento abalo que conflagrava a Europa.

Mendigante, exausto, esquecido, vilipendiado, rachitico e moribundo, o vetusto Portugal, cobrindo as ulceras do corpo com o pavilhão desprestigiado de sua antiga grandeza, vendia nos mercados de Inglaterra os residuos de sua gloria para poder viver. Foi neste estado miserando que o vicário sorprehender as bandeiras da França, desfaldadas aos ventos da conquista e da liberdade.

D. João VI demasiadamente imbelles e covarde, para resistir ás fortes brisas que sopravão do lado da França, trasendo a scatella revolucionaria, que devia dissipar as caligenes que toldavão os tectos da Lusitania, foi arrebatado pelo tufão, de um throno que era incapaz de sustentar, e lançado sobre as plagas brasileiras, sedentas de futuro.

Para o soldado é uma infamia abandonar o seu posto na hora solenne do combate, para o monarcha porém é uma virtude! Não era muito que o Brasil, que até ali tinha servido de receptaculo aos bandidos de Portugal, acoitasse então o transfuga da realza.

Entretanto a colonia acolhe com prazer esse destrogo de uma dynastia de seculos que havia naufragado na tempestade da invasão estrangeira; e D. João VI que tinha sido expulso pelas convulsões do terror, folga por encontrar os applausos do enthusiasmo.



Pensavão que o povo saudava uma coroa desmoralizada pela fuga, quando era o extinto de uma melhor condição, que o extasiava ao respirar o vento da liberdade, que arremessava essa corôa ás nossas praias, e vinha varrer de nossa pesada atmosphera os vapores asphixiantes da degradação.

O povo fóra imbecil se entrançasse corôas de louros para a frente de um desertor; elle apenas glorificava de antemão os secundos resultados que trazia essa desercão para o seu futuro. Não applaudia o fugitivo, applaudia a fuga. E o tempo felizmente veio justificar suas alegrias e realizar suas esperanças.

D. João VI de uma comprehensão muito limitada por natureza, não podia acompanhar com os olhos a velocidade da carreira que tomão certos acontecimentos, uma vez lançados das alturas do poder sobre as planícies da civilisação; nem tão pouco calcular as perigosas proporções que podião elles assumir no vacuo da opinião publica.

Sua intelligencia nada abrangia fóra do presente. Abre ao commercio estrangeiro os portos do Brasil para virem mercadorias, e vias de communicação no interior para espalhar-as, e com as mercadorias vem também as idéas que se espalhão como ellas por toda a colonia; funda tribunaes administrativos e judiciciaes, para dar importancia á sede da realza, e por este modo garante aos colonos o exercicio de seus direitos, civis, que elle não podia até ali ir defender na metropole pelas grandes despesas e pela grande distancia; levanta uma typographia para impressão dos actos do governo, e assim revela á multidão a materia de que se forja a mais poderosa de suas armas; cria academias que justifiquem com um pergaminho a petulancia dos filhos de seus palacianos, e abre assim ao colono as futuras officinas, onde se devia lapidar o diamante bruto de sua intelligencia sob o cinsel do estudo; por vaidade fez de seu retiro um reino que ligava a Portugal, e do reino o colono faz um degrão para chegar á patria.

Sem querer, nem presentir, era elle o guia mysterioso, que conduzia o gigante manietado da America atravez dos nevoeiros da escravidão, ao cumo alcantilado dos montes da liberdade; para de lá saudar a auróra do porvir que começara á enrubecer os tectos afumados de sua masmorra. E D. João VI só conheceo que seus pés apalpvão as bocas de um abysmo, quando em 1817, prorompeo de suas profundidades o brado heroico e generoso de Pernambuco, que foi reboando de columna em columna pelas salas do throno, como o graso sinistro dos pregoeiros da morte pelas abobadas de um mausoléu.

Embalde foi organizado o assassinato juridico na Bahia e em Pernambuco; embalde o despotismo tirou de seu seio os mais corrosivos venenos para antar os cutellos de seus verdugos; embalde empregou o calabouço, o confisco, o degredo, o punhal, o arcabúsamento, o patibulo e a ignominia! Morrião os patriotas mas ficavão as crengas, que elles orvalhavão com seu sangue, engrandecião com sua coragem e sancificavão com seu martyrio.

Foi em 1821, que elle se convenceu que as sociedades, como o judéo da tradição, caminhão sempre ao vento das ideias, quando o braço poderoso do povo, pesando sobre seus hombros tremulos, o forçou á dobrar os joelhos, e a jurar, livido e suando de pavor, as bases da Constituição portugueza nascida de uma revolução.

A pedra revolucionaria tinha sido lançada no meio das ondas da populaça, elle comprehendeo então, que seria temeridade impedir que ella chegasse ao fundo!

Ainda inspirado pela fraqueza resolveo a sua volta e os ventos do prazer, que enchião nossas almas, enfunarão os pannos que o arrojaram de nossas costas!

O terror o trouxe — o terror o restituiu á Portugal!

D. Pedro, nomeado principe regente, vio abrir-se ás suas aspirações os reposteiros do throno e brilhar em seus sonhos os mosaicos doirados dos espaldares da realza. Ambicioso e intelligente, de um golpe de vista dominando a situação e os partidos, comprehendeo que conter o movimento seria correr o perigo de ser esmagado por elle e preferio dirigi-lo.

Entretando o povo acoroçoado por seus recentes triumphos, convencido de seus direitos e de sua força, trabalhava com denodo para completar o quadro de sua nacionalidade, inscrevendo n'elle a ultima palavra de sua emancipação. Portugal querendo abafar o espirito revolucionario pela oppressão, cada vez mais o excitava pelo desespero. As malhas de ferro da cota do escravo erão muito estreitas para arrochar os peitos brasileiros, que o influxo da liberdade havia entumecido. O isolamento reciproco das Provincias, a supressão dos tribunaes superiores, a ordem para a partida do principe e vexames identicos, erão combustiveis que o desvairado Portugal lançava sobre a fogueira que devia devorar o fabuloso thesouro que até ali apascentara a sua cobiça. Todavia D. Pedro inachiavelico e calculista, affecta aprestar-se para a jornada do Atlantico, bem convencido que ella não teria lugar. As camaras do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, oppõem-se á sua partida, e elle que já previa e só esperava a manifestação do pensamento publico, que era o unico oraculo que consultava nas crises de sua situação, e nas incertezas de seu destino — ficou! E sua frente começou á sentir o contacto dessa corôa tão almejada nas fantasias de sua ambição.

Liberal por conveniencia, acessivel, insinuante, afavel e seductor, possuia as apparencias brilhantes que fascinão a imaginação. São recursos que um pretendente não despreza: sob o futil pretexto de apasiguar insignificantes dissidencias, parte para Minas e depois para S. Paulo — a fim de alargar a esphera de sua popularidade, e arregimentar sectarios!

Nesta ultima provincia o surprehemem as noticias dos novos desvarios de Portugal, e a opinião de José Bonifacio pela independencia!

O momento era solemne; adiar a independencia era perder a corôa! O brado de independencia ou morte — assoma á seus labios, parte como um raio e retumba entusiastico nos corações brasileiros!

O povo lucrou a independencia — D. Pedro ganhou um diadema! Estava satisfeita sua ambição e cumprido o conselho de seu pai: elle era Imperador!

O merito de D. Pedro, e é o unico que lhe reconhecemos, foi ser o primeiro á manifestar a ideia que estava em todas as cabeças, o sentimento que estava em todos os corações, a palavra que estava em todos os labios, a esperanza que estava em todas as ambições, e a consolação que estava em todos os soffrimentos.

Arrastado pela fatalidade das circumstancias a ser o interprete das convicções populares, accitou esse papel, mais por seu proprio interesse, do que por amor á liberdade.

A realza e o povo não podem viver sob o mesmo tecto, assim como a noite e o dia não podem reinar ao mesmo tempo sobre o mesmo hemispherio. Realza quer dizer dynastia e povo quer dizer igualdade. Dynastia significa o predomínio de uma familia sobre todas as outras familias; igualdade significa aptidão de todos para tudo, segundo sua vocação e suas luzes; uma quer que governe o sabio, ou o idiota que o acaso do nascimento fez principe, a outra quer que só impere a intelligencia que o dogma da soberania fez governo.

Deus formou todos os homens, sem excepção de um só, iguaes e livres! Não disse á este — serás senhor, e áquelle — serás escravo; não disse á um — serás rei, e á outro — serás vassalo. A igualdade é pois um principio e a realza um facto. O principio é aquillo

que tem a sua razão de existencia em si mesmo, que é eterno, invariavel, indestructivel, que nunca morre — é a verdade. O facto é aquillo que nasce das circumstancias e desaparece com ellas, que é transitorio, ephemero, fallivel, que pode deixar de existir. D'aqui procede a tendencia do povo para reaver o que lhe foi usurpado e a resistencia da realza para conservar o que invadio. O povo forceja por alargar o circulo de sua actividade, e a realza trabalha por apertal-o ainda mais! O povo é as ondas que querem movimento e batem-se constantemente contra os rochedos, que querem a immobildade como a realza! D'aqui é que nasce a luta, as desconfiangas, os ataques e as antipathias de ambos. D'aqui a consequencia que os governos monarchico-democraticos são governos de transição, porque são governos ambigeos, compostos de verdadeiro e de falso; e como na luta da ideia nova que é o direito, contra o elemento antigo que é o absurdo, a victoria se decide por aquelle, porque a lei da perfeição é uma lei necessaria, segue-se que a democracia está reservado o futuro!

Eis porque D. Pedro não era o operario da liberdade — a realza não pode amar o povo.

Tanto assim que, julgando se inabalavel no solio, manda algumas bocas de fogo decretarem, ás portas da Assemblêa, a dissolução da Constituinte; deporta os mais distinctos partidarios das crengas populares, e empenha todo o seu zelo em reprimir as aspirações democraticas.

D. Pedro enganou-se. A sua popularidade era filha de seu liberalismo e logo que arrancou na mascara do rosto, sentio o vacuo immenso que o separava do povo. Para evitar uma segunda decepção — abdicou!

Elle viu que a França encontrando uma barreira ao seu progresso no throno de Carlos X, expedou-o debaixo de seus pés e seguiu sua viagem. Elle viu que lutar contra o povo seria o baixel lutar contra o furacão.

Vem, oh! povo, commemorar a tua obra neste glorioso dia de santas recordações! Vem beijar o palladio de tua regeneração, e entoar no banquete patriotico um brinde de enthusiasmo e veneração á Deus, aos manes ignorados de teus tribunos e á tua Independencia!

#### IV.

Folga! e amanhã, quando se tiverem perdido nos ares os ultimos echos dos nobres e altivos canticos que hoje te transportão e voltares aos teus alvergues, ás tuas tendas, aos teus trabalhos e ás tuas lides, lança um olhar de commiseração sobre o presente e lembra-te que tens a independencia, mas que ainda te falta a grandeza!

Deixa os thuriferarios do poder endeosar a epocha lutulenta em que vivemos. A actualidade do Brasil é sombria; o ar da corrupção nos envenena o sangue e nos gangrena o corpo!

E quando tu, misero povo; súas, soffres, gemes, pranteas e gritas-os filhos bastardos da fortuna, e os renegados idolatras da governança atirão-te o escarneo que é a esmola da infamia, e bradão ainda que tens liberdade de mais.

Onde estão as tuas garantias e as tuas liberdades? Tua liberdade individual está nas mãos dos alguazils da policia, que te arrastão para o fundo de uma masmorra, sem formalidades, sem processo, sem culpa, para as celebres averiguações policiaes! A tua liberdade commercial definha tributaria dos estrangeiros, porque para elles são as regalias e para ti as péas, para elles a liberdade e para ti os destacamentos! A tua liberdade industrial geme ao peso das leis immoraes do privilegio, e ao jugo vexatorio de impostos de toda a ordem, impostos geraes, impostos provinciaes e impostos municipaes! A tua liber-

dade politica é uma escandalosa mentira com que sophismão a tua soberania: — uma fração insignificante do paiz é que escolhe os eleitores e estes são que elegem os representantes do povo, que podem representar tudo, menos os votantes, ainda menos o maior numero, e muito menos a vontade nacional! A base da qualificação não é a capacidade, é a fortuna: de sorte que o homem de instrução não pode votar porque é indigente, mas vota o idiota porque é rico!

Oh! quanto somos livres!

No exterior o que vemos? o Paraguay escarnecendo o nosso pavilhão, a nossa maior esquadra, o nosso almirante e o nosso enviado! A Inglaterra que nos ameaça e nos insulta, sem preambulos, sem reticências, face a face, em nosso territorio, no meio da côrte, nas salas do governo! Entretanto o ministerio falla baixinho da nossa dignidade offendida, quando devia gritar; balbucia timidamente uma satisfação, e tãu submisso que limpa com as abas bordadas de sua farda a poeira da legação britanica!

Oh! quanto somos respeitados!

O poder edifica o seu doce! sobre os rochedos do patronato, onde naufraga a pobreza porque é humilde, a probidade porque é tímida e o talento porque é modesto! Os empregos, as comissões lucrativas, as embaixadas sumptuosas são para os cortesões, para os fidalgos, para os grandes, para os poderosos, para os ricos, para seus filhos, para seus afilhados e para seus protegidos! Ignorantes na magistratura, pedantes na diplomacia, copistas nas secretarias e instrumentos em politica!

Os titulos, as graças, as honras e as dignidades são moedas de todos os valores e de todos os cunhos, com pagão as traições, com que recompensão os louvores, com que gratificão as humilhações, e com que compraão as apostasias!

Se algumas vezes recahem no verdadeiro merito, ou querem tentar a honra, ou querem excepções para convertel-as em regra!

Oh! quanto somos grandes!

Diante deste desolador espectaculo, não deixes, oh! povo, o veneno da fraqueza coar-te pelo coração, nem o gelo da descrença paralyzar-te os membros! Elle não symbolisa a tua decadencia — significa apenas que ainda é preciso lutar. Não a luta desvairada, sanguinolenta e fraticida das praças publicas; mas a luta da abnegação contra o interesse, da independencia contra o servilismo, da moralidade contra a corrupção, da honra contra a venalidade, do pudor contra o desfaçamento, do trabalho contra a indolencia, da fraternidade contra o egoismo! Uma luta de resignação, de soffrimentos, de sacrificios, de dignidade, de pobreza, de dedicação, de coragem e de esperanças!

Mudámos de epocha — mudemos tambem de armas. A tyrannia empregava contra ti o fogo que fazia ruinas, e o ferro que fez martyres, e tu, emprega contra ella a virtude que faz homens, a instrução que faz cidadãos, e a logica que faz proselytos. É unicamente no terreno da consciencia e do coração, que medra a arvore da liberdade! A futura revolução deve-se operar nos espiritos — a imprensa será o tribuno das massas!

Não, não desanimem! O sol do Ypiranga agora é que desponta nas faixas cambiantes do Oriente, ainda não chegou ao seu zenith, está portanto muito longe do seu occaso, se por ventura tem occaso o sol da gloria e da liberdade!

Trabalha, aprende, crê e espera!

Deus vela, a liberdade caminha e o futuro não tarda!

F. X. da Cunha.